

UMA PROPOSTA DE GLOSSÁRIO DOS TERMOS DA TEORIA DA METÁFORA CONCEITUAL

José Edelberto Costa Filho* (Mestre)

Resumen: En este trabajo tuvimos la intención de hacer una propuesta inicial de un modelo de glosario de los términos de la Teoría de la Metáfora Conceptual. La ausencia de un trabajo terminológico en portugués que ayude a los estudiantes e investigadores a entender los términos utilizados por los estudiosos en el área fue lo que despertó en nosotros, el interés por la creación del modelo supracitado. Para tanto, contamos, para la realización de este artículo, con la ayuda de la Lingüística de Corpus y la Terminología. La primera nos sirvió de apoyo, en lo que concierne a elaboración de un corpus monolingüe que contiene textos en portugués, publicados entre 2003 y 2007. Además de eso, hicimos, a través de la herramienta WordSmith Tools, el análisis de los cinco (5) términos seleccionados para el estudio. La Terminología nos ayudó en el desarrollo del modelo de glosario que adoptamos con los supuestos de la Teoría Comunicativa de la Terminología. Como resultado de ello, se organizan los términos de las entradas y las definiciones propuestas que pueden ayudar a los lectores a comprender mejor el área. Además, se observa que las condiciones del área no se han estabilizado y que hay una variación conceptual y terminológica entre los autores.

Palabras clave: Terminología; Lingüística de Corpus; Glosario; Teoría de la Metáfora Conceptual.

Abstract: In this work we had the intention of making an initial proposal for a glossary model of Conceptual Metaphor Theory. Our interest in this area arose from the lack of terminological works in Portuguese to help students and researchers understand the terms used by scholars in this field. We made use of Corpus Linguistics and Terminology to write this article. The former helped us prepare a monolingual corpus including area specific texts written in Portuguese, published between 2003 and 2007. The latter helped us prepare the glossary model adopting the assumptions of the Communicative Theory of Terminology. In addition, we used WordSmith Tools to analyze the five (5) terms selected for the study. As a result, we organized the terms in entries and proposed definitions that may help readers to better understand the area. Furthermore, we also put forward that the terms of the area are not stabilized and that there is a conceptual and terminological variation among authors.

Key-words: Terminology; Corpus Linguistics; Glossary; Conceptual Metaphor Theory.

Resumo: Neste trabalho tivemos como intuito fazer uma proposta inicial de um modelo de glossário dos termos da Teoria da Metáfora Conceitual. Nosso interesse nessa área surgiu pela ausência de uma obra terminológica em português que auxilie estudantes e pesquisadores a compreender os termos utilizados pelos estudiosos da área. Para a realização deste artigo, contamos com auxílio da Lingüística de Corpus e da Terminologia. A primeira nos auxiliou na elaboração de um corpus monolíngue contendo textos específicos da área em português, publicados no período de 2003 a 2007. Além disso, através da ferramenta WordSmith Tools, fizemos a análise dos cinco (5) termos selecionados para o estudo. Já a Terminologia nos auxiliou na elaboração do modelo de glossário que adotamos seguindo os pressupostos da Teoria Comunicativa da Terminologia. Como resultado, organizamos os termos em verbetes e propusemos definições que possam auxiliar os leitores a compreender melhor a área. Além disso, percebemos que os termos da área não estão estabilizados e que existe uma variação terminológica e conceitual entre os autores.

Palavras-chave: Terminologia; Lingüística de *Corpus*; Glossário; Teoria da Metáfora Conceitual.

Cómo citar este artículo: COSTA FILHO, José Edelberto. Uma proposta de glossário dos termos da teoria da metáfora conceitual. *Debate Terminológico*. No. 9, Nov. 2013; pp. 3-15

Introdução

A metáfora nos últimos 30 anos tem sido tema de vários estudos em diversas áreas do conhecimento. Contudo, sua importância já era reconhecida por filósofos gregos no século IV antes de Cristo. Aristóteles a definiu como "...a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via de analogia" (Aristóteles, 2005, p.74-75). Para ele, as pessoas que soubessem usá-las adequadamente tinham um grande conhecimento da linguagem e o seu uso constituía uma "...característica de um rico engenho, pois descobrir metáforas apropriadas equivale a ser capaz de perceber relações" (Ibidem, p.80).

A maneira como Aristóteles concebeu a metáfora, *i.e.*, transposição de uma espécie para outra, vem sendo utilizada nos livros didáticos e gramáticas até os dias de hoje. Exemplos como "O amor é fogo que arde sem

* Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, com mestrado em Lingüística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará. Email: jose.filho@ifma.edu.br

se ver”, retirado da obra de Camões, e “Ele é esperto como uma raposa” não são difíceis de serem encontrados como protótipos de metáfora. No caso do exemplo retirado da obra de Camões, nós temos a transposição dos nossos conhecimentos a respeito de FOGO (instável, produz luz, calor, etc..) para o sentimento AMOR (sentimento que impele as pessoas para o que se lhes afigura belo, afeição, desejo sexual, etc...). Já na segunda frase, as características de uma Raposa (astuta, rápida, age sem ser notada até matar sua caça, etc...) são utilizadas para caracterizar os hábitos de uma pessoa. No entanto, essa visão de metáfora já vem sendo bastante criticada e novos estudos mostram que o uso de metáforas vai mais além do que uma simples comparação entre entidades diferentes.

Com o advento da Teoria da Metáfora Conceitual (cf. Lakoff; Johnson, 1980), a metáfora deixa de ser vista como mera figura de linguagem e passa a ser compreendida como uma figura de pensamento, portanto, com valor cognitivo. De acordo com a teoria, a mente humana é em grande parte estruturada de forma metafórica e...

“...nós automaticamente e inconscientemente adquirimos e usamos um grande número dessas metáforas. Elas são realizadas em nossos cérebros fisicamente e estão na maioria das vezes além do nosso controle. Elas são a consequência da natureza dos nossos cérebros, nossos corpos e o mundo em que habitamos”¹ (Lakoff; Johnson, 1999, p.59).

Junto com essa nova teoria, houve também o surgimento de vários termos novos para se referir a diferentes tipos de metáforas, e.g. metáfora conceitual, metáfora orientacional, metáfora ontológica, metáfora de imagem, etc. Em 1997, em uma reformulação da Teoria da Metáfora Conceitual, a mesma metáfora conceitual passou a ser dividida em metáforas correlacionais e não-correlacionais. As metáforas correlacionais compreendem a metáfora primária e a metáfora composta (Grady, 1997b). As primárias são “geradas de correlações entre dimensões distintas de experiências corpóreas básicas, independentes de influências culturais” (Lima, 1999, p. 23), já as compostas são aquelas geradas pela união de duas ou mais metáforas primárias. As metáforas de outra natureza são não-correlacionais: metáfora de imagem, metáfora de semelhança, etc.

Além dessa profícua nomenclatura, gerada pelo desenvolvimento da própria teoria, há vários termos advindos de outras áreas do conhecimento que foram incorporados, com ou sem modificações. Isso pode ser atribuído à própria natureza interdisciplinar da Linguística Cognitiva, uma vez que integra as chamadas Ciências Cognitivas, juntamente com a Inteligência Artificial, a Psicologia, a Neurologia, a Filosofia, a Linguística, a Antropologia, etc. (Cuenca; Hilferty, 1999). Essa interdisciplinaridade de áreas envolvidas, além do cruzamento de várias perspectivas no interior da própria área, gera um movimento sígnico da terminologia dos diferentes campos de pesquisa e faz com que a terminologia específica da Teoria da Metáfora Conceitual se mostre muitas vezes confusa, como observa Lima (2005, p.119-120),

“... sendo as idéias sobre a metáfora conceitual relativamente novas, e tendo ganhado popularidade, principalmente na área de formação de professores, tem-se verificado muita confusão teórica (ex. de ordem terminológica e conceitual) e metodológica...”.

Outro problema observado ocorre quando um termo de uma área é traduzido de uma língua para outra, pois este pode ser traduzido de formas diferentes, dependendo do autor, sob critérios que nem sempre são claros, o que pode causar um problema de compreensão para leitores menos experientes. Como exemplo, podemos citar o termo “embodied mind” que, em português, é utilizado indistintamente como “mente corpórea”, “mente incorporada”, “mente corporificada” ou “mente encarnada”.

Assim, o que se tem observado é uma grande variedade de termos utilizados em português, o que provoca dificuldades de interpretação, tanto para pesquisadores da área quanto para leitores sem nenhum ou com

¹ “... we automatically and unconsciously acquire and use a vast number of such metaphors. Those metaphors are realized in our brains *physically* and are mostly beyond our control. They are a consequence of the nature of our brains, our bodies, and the world we inhabit”.

pouco conhecimento do assunto. Alguns exemplos de termos são: cena primária, metáfora composta, metáfora conceitual, domínio-alvo, domínio-fonte, mapeamento conceitual, entre outros.

Percebendo a grande variedade de termos emergentes, Kovecses (2002) deu o primeiro passo para auxiliar a compreensão da teoria através do desenvolvimento de um glossário no final de sua obra. Entretanto, o glossário de Kovecses é apenas suplementar a um material didático, portanto sua estrutura não apresenta uma amostra do uso dos termos na literatura, característica importante para o leitor ou consulente. Além disso, por ser monolíngue, em inglês, o glossário do autor atende apenas a uma parcela dos interessados na Linguística Cognitiva e na Teoria da Metáfora Conceitual, pois ele não fornece equivalentes dos termos em outras línguas.

Somente em dezembro de 2007, foi lançado em inglês um glossário de termos da Linguística Cognitiva (Evans, 2007), que veio suprir de forma significativa essa demanda, uma vez que o autor trabalhou com termos não só da Teoria da Metáfora Conceitual, mas também termos de outras áreas da Linguística Cognitiva. Além disso, o autor, na tentativa de melhor ilustrar suas definições, faz uso de gráficos, imagens e cita autores que estão relacionados com os termos.

Entretanto, mesmo com o aumento no número de publicações de artigos e livros da área em língua portuguesa, ainda não existe nenhum dicionário ou glossário que auxilie os interessados na área em nossa língua. Dessa forma, objetivamos mostrar aqui alguns passos que estão sendo dados para a elaboração de uma obra terminológica que possa servir de auxílio para alunos de graduação, mestrado e doutorado, que se dispuseram a trilhar os caminhos da metáfora conceitual. Neste artigo, analisaremos a ocorrência de cinco termos e faremos uma sugestão de como eles podem ser organizados em um glossário.

1. Metáfora, termos e corpus

Para a realização deste trabalho, utilizamos os aportes teóricos da Teoria da Metáfora Conceitual, da Terminologia e da Linguística de *Corpus*. No caso da Teoria da Metáfora Conceitual, fizemos uso de textos que pudessem mostrar os termos e embasar suas definições. Já a Terminologia, ciência responsável pelo estudo das áreas de especialidade, possibilitou-nos sugerir a maneira como as definições foram elaboradas e a maneira como as organizamos. Por último, a Linguística de *Corpus* nos permitiu, por meio de suas ferramentas, a realização da análise do uso dos termos da teoria em seu contexto real, *i.e.*, livros, artigos em periódicos, artigos em anais de congressos e capítulos de livros.

1.1. A teoria da metáfora conceitual

As observações da ocorrência de diversas expressões metafóricas na língua levaram os pesquisadores George Lakoff e Mark Johnson a concluir que as metáforas estão presentes na linguagem convencional e que fazem parte da cognição humana. Diante desse fato, os autores desenvolveram um ponto de vista filosófico que se adequasse a essa nova realidade, denominado Experiencialismo, segundo o qual o homem faz parte do meio e sua interação com esse meio, incluindo as outras pessoas, é responsável pela compreensão que tem do mundo (Lakoff; Johnson, 2002). Inovadora também, embora até hoje alvo de críticas, é a maneira como os autores caracterizam o pensamento: a mente imaginativa (pensamento) é corpórea, *i.e.*, baseada na experiência corporal do homem com o mundo; tem propriedades gestálticas, pois agrupa conjuntos de informações sobre o conceito em blocos, permitindo agilizar o acesso às informações; e é imaginativo, o que explica a capacidade do pensamento abstrato.

Note-se que a visão de Lakoff e Johnson veio de encontro à teoria objetivista, que prega um mundo baseado em condições de verdade, no qual os objetos possuem seu valor independente do conhecimento do homem e a linguagem é considerada um espelho da mente. Na visão objetivista, as pessoas utilizam a linguagem de forma objetiva, pois toda linguagem convencional é literal. Isso significa dizer que as palavras,

na sua maioria, possuem significados fixos e as pessoas só conseguem estabelecer uma comunicação precisa através dessa linguagem objetiva. Já as metáforas, as metonímias ou quaisquer outras expressões idiomáticas são recursos linguísticos só encontrados em discursos especiais, como a poesia e a retórica, sem nenhum valor cognitivo e que não tem o compromisso de mostrar com clareza o real significado do que se fala. Assim, a ciência, por exemplo, deveria ser feita unicamente com a razão e o sentido literal, pois só através deles conseguiríamos entender por completo o que se quer mostrar, enquanto à poesia poderia ser repleta de imaginação, metáfora e metonímia.

Como não podia deixar de ser, inúmeras críticas surgiram sobre a viabilidade da Teoria da Metáfora Conceitual e ao Experiencialismo. Entretanto, vários pesquisadores tornaram-se adeptos de tal teoria e gradualmente contribuíram para que ela criasse bases mais sólidas. Em meio a essas contribuições, em 1997, surge a Hipótese da Metáfora Primária. Grady, em sua tese de doutorado, propõe uma nova categorização da Teoria da Metáfora Conceitual, que não exatamente contrapõe o que foi dito anteriormente por Lakoff e Johnson, mas, ao contrário, complementa e refina pontos que não ficaram totalmente esclarecidos na Teoria da Metáfora Conceitual até então.

O autor coloca que as metáforas primárias devem ocorrer translinguisticamente, por serem baseadas em experiências humanas universais, já as compostas podem ou não ocorrer entre línguas diferentes, pois dependerá da combinação entre metáforas primárias.

Lima, Gibbs e Françaço (2001) estudaram a metáfora primária DESEJAR É TER FOME em língua portuguesa e inglesa, dentro dos parâmetros estabelecidos por Grady (1997b). Segundo os autores, quando dizemos “*estou com sede de bola*” ou “*ele tem fome de poder*”, o desejo (conceito mais abstrato) é expresso em termos da fome (conceito físico), porque quando sentimos fome sempre experienciamos o desejo pelo alimento. Ou seja, essas são sensações recorrentes na experiência humana e, quando uma ocorre, a outra também acontece.

Para verificar a validade psicológica dessa metáfora, os autores realizaram alguns experimentos envolvendo questões que buscavam verificar como brasileiros e americanos entendiam a fome e o desejo. Segundo os autores, seus “achados corroboram a idéia de que o entendimento que as pessoas têm de expressões metafóricas sobre os desejos humanos [...] são motivados por suas experiências corpóreas relacionadas à fome” (Lima, Gibbs, Françaço, 2001, p. 127).

Dessa forma, o trabalho desenvolvido pelos autores vem corroborar a hipótese de Grady (1997b) a respeito da existência das metáforas primárias, posteriormente também adotada por Lakoff e Johnson (1999). Atualmente, inúmeras outras pesquisas são realizadas em todo o mundo e os resultados confirmam a ligação existente entre nossas experiências corpóreas, a linguagem e o pensamento.

2. Terminologia

Os estudos terminológicos fazem parte de um grupo maior de estudos a que chamamos de ciências do léxico, e são divididos de acordo com o seu foco de estudo, *i.e.*, as unidades que analisam, que podem ser o léxico comum e o léxico especializado.

A parte que estuda o léxico comum é dividida em: Lexicologia, responsável pelo estudo do léxico geral de uma língua; e Lexicografia, responsável pela elaboração de dicionários de uma língua. Já a parte que tem como foco as unidades terminológicas especializadas é dividida em Terminologia, ou lexicografia especializada, responsável por estudar o léxico de uma área de especialidades; e Terminografia, responsável pela elaboração de glossários e dicionários de uma ou mais áreas técnicas.

Barros (2006, p. 22) descreve que:

“A terminologia, enquanto estudo do vocabulário das áreas técnicas e científicas, desempenha um papel fundamental nesse processo. Suas pesquisas têm-se desenvolvido de modo intenso nas últimas décadas; suas bases teóricas têm sido revistas e novos modelos propostos; diferentes campos de atuação têm-se aberto, apresentando-se novos desafios.”

Na realização deste trabalho, fizemos uso da Teoria Comunicativa da Terminologia, doravante TCT, que surgiu no início dos anos 90 com Cabré e um grupo de pesquisadores do Instituto de Linguística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra (Krieger; Finatto, 2004). Segundo essa nova teoria, *a priori* não há termos fixos, mas apenas unidades lexicais que podem assumir o caráter de termo em função do seu uso em determinado contexto e situação. Dessa forma, o significado de um termo poderia variar dependendo do cenário comunicativo no qual está inserido, isto é, Cabré dá ênfase à dimensão textual e discursiva dos termos e confirma a possibilidade de os conceitos e de as denominações variarem nos domínios de especialidade. Com isso, a autora possibilita que as pesquisas de cunho terminológico descrevam a língua nos seus vários níveis.

Outro ponto abordado pela TCT é que ela admite não existir fronteira entre o léxico comum e o léxico especializado. Nesse caso, os termos são compreendidos como elementos naturais dos sistemas linguísticos e estão sujeitos às mudanças das realizações textuais e discursivas. Com o grande entrelaçamento de diversas áreas em si e com a língua geral, há uma transferência terminológica de uma área para outra e há incorporação de uma ou mais palavras do léxico geral em uma área especializada.

A possibilidade de variação conceitual e denominativa dos termos faz com que a TCT possa verificar as alterações nos usos em contextos específicos do conhecimento. De acordo com Finatto (2001, p.68)

“é importante ressaltar que os fenômenos de variação nas terminologias técnico-científicas, segundo vemos, são em primeiro lugar fenômenos de variação linguística, mas apresentam características peculiares, oriundas de um uso de língua diferenciado, envolvendo um grupo de usuários determinado, detentores de conhecimentos diferenciados e que têm características e objetivos determinados numa situação de comunicação particular”.

Na TMC não é diferente, pois esses eventos podem ser observados, uma vez que é uma teoria nova e formada por conceitos de várias áreas. Além disso, pesquisadores no Brasil fazem traduções diferenciadas de termos originalmente em inglês, o que reforça ainda mais a existência dessas variações. Assim, assumimos a visão da TCT e buscamos averiguar o uso dos termos e suas significações em contextos reais da Teoria da Metáfora Conceitual.

3. Linguística de *corpus*

De acordo com Sardinha (2004, p.3), a Linguística de *Corpus* é a ciência que “[...] ocupa-se da coleta e da exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística”. Um *corpus*, por outro lado, pode ser definido como “[...] uma coleção de documentos que é compilada com base em critérios de seleção específicos, de tal maneira que conforma um conjunto empregável para uma ou mais finalidades” (Picht, 2004, p.67).

Atualmente, quando falamos em Linguística de *Corpus*, fazemos frequentemente uma relação com o computador, principalmente em estudos relativos ao léxico, uma vez que com “[...] a introdução do computador no método de trabalho houve uma revolução na técnica lexicográfica, desde a coleta de materiais em um corpus informatizado, até a impressão dos dicionários”², conforme afirmam Haensch e Omeñaca (2004, p.37). Contudo, o uso de *corpora* é bem mais antigo que o surgimento do computador, podendo ser observado o uso de coletâneas de textos para diversos fins, desde a Grécia Antiga (Sardinha, 2004). A prática

² “La introducción del ordenador en el método de trabajo ha revolucionado la técnica lexicográfica, desde la recogida de materiales en un corpus informatizado hasta la impresión de los diccionarios.”

de coleta manual de textos e sua armazenagem em fichas de catalogação ainda é utilizada nos dias de hoje. Entretanto, a partir da década de 60, quando os primeiros computadores começaram a ser utilizados por pesquisadores em universidades, percebeu-se que através da informática seria possível fazer um maior número de análises linguísticas, compilar um maior número de textos e ter resultados mais confiáveis em uma menor quantidade de tempo.

As vantagens do uso da Linguística de *Corpus* estão relacionadas à grande quantidade de textos com os quais se pode trabalhar e ao tempo gasto para sua análise, pois através de ferramentas especializadas pode-se delimitar o estudo de maneira precisa e eficiente. Em um artigo publicado em 2006, Almeida, Oliveira e Aluísio afirmam que o uso da informática na Terminologia fornece:

“suporte às tarefas envolvidas no trabalho terminológico, quais sejam: 1. criação de corpora descartáveis; 2. extração automática de candidatos a termos desses corpora; 3. inserção dos termos numa ontologia (mapa conceitual); 4. elaboração e edição de fichas terminológicas; 5. elaboração e constante atualização da base definicional; 6. elaboração de definições; 7. edição de verbetes, 8. difusão dos dados para intercâmbio com outras aplicações ou usuários” (Almeida; Oliveira; Aluísio, 2006, p.42).

Além disso, Silva (2004) observou que a Linguística de *Corpus* não se restringe apenas a estudos com foco em elementos frasais, como *colocação*. Segundo o autor, uma abordagem com o uso da Linguística de *Corpus* auxilia na detecção dos diferentes sentidos que uma palavra pode apresentar em um texto, o que permite um uso mais eficaz pelos próprios especialistas de uma dada área.

Assim, através da união dos estudos terminológicos com a Linguística de *Corpus*, propomos uma obra que venha a mostrar a maneira como os termos da Teoria da Metáfora Conceitual estão sendo usados.

4. Instrumentalização

As três áreas envolvidas neste trabalho, apesar de suas diferenças, se encaixam perfeitamente para a pesquisa que realizamos. A Teoria da Metáfora Conceitual (TMC) é o objeto de nossa pesquisa e nela averiguamos o uso de alguns dos seus termos em textos da área. A Terminologia nos possibilitou realizar um trabalho terminográfico com foco no uso dos termos da Teoria da Metáfora Conceitual em seu contexto natural. E, a Linguística de *Corpus* nos forneceu ferramentas para a análise das ocorrências dos termos através de um *corpus*.

Em todo esse processo, a palavra “uso” é central nas três áreas. Como vimos anteriormente, nas pesquisas sobre Metáfora Conceitual, o foco está na ocorrência dessas metáforas em toda a linguagem e nos mais variados gêneros, pois segundo seus pressupostos, a linguagem como um todo, de textos poéticos a textos científicos, é recheada de metáforas. A Terminologia, em suas teorias mais recentes, afirma que uma palavra só será considerada termo quando for “usada” em uma determinada área com um significado específico. Assim, não existiriam termos *a priori*, mas o contexto no qual eles são usados é que determina se uma palavra é ou não um termo. E, finalmente, a Linguística de *Corpus* permite ao pesquisador verificar vários aspectos do “uso” da linguagem através das suas ferramentas, inclusive identificar os termos a serem estudados.

Assim, para verificar a ocorrência de alguns termos da Teoria da Metáfora Conceitual, seguimos as seguintes etapas:

- a) Seleção dos textos da área;
- b) Digitalização dos textos;
- c) Organização do *corpus*;
- d) Seleção dos termos;
- e) Organização dos termos selecionados em fichas terminológicas;
- f) Verificação dos termos escolhidos no *corpus* e preenchimento das fichas terminológicas com as informações encontradas.

Na seleção dos textos para nosso *corpus*, levamos em conta a produção de autores reconhecidos pelos seus trabalhos na área, as publicações dos membros do Grupo de Estudo sobre Linguagem e Pensamento (GELP) e do Grupo de Estudo da Indeterminação da Metáfora (GEIM), os anais do 2º Congresso sobre a Metáfora na Linguagem e no Pensamento, além de capítulos de livros que tratam da Teoria da Metáfora Conceitual, em português, no período de 2003 a 2007. Fora desse período, usamos apenas o livro de Lakoff e Johnson de 1980, em sua versão no português, *Metáfora da vida cotidiana*, lançada em 2002, que é o marco inicial da teoria. Outro livro utilizado na composição do *corpus* em português foi *Metáfora*, escrito por Tony Beber Sardinha, que gentilmente nos enviou o texto para compor o *corpus*.

Na tabela 1, apresentamos o número de textos usados neste estudo distribuídos por tipo de publicação. No total, trabalhamos com 35 textos em português:

	Anais	Periódicos	Livros	Capítulos	TOTAL
Português	17	5	2	11	35

Tabela 1 - Número de textos no *corpus*

O que nos levou a limitar os textos ao período de 2003 a 2007 foi que se esperava que os pesquisadores já tivessem incorporado as novas ideias da Teoria da Metáfora Conceitual, lançadas no livro de Lakoff e Johnson, em 1999, como a hipótese da metáfora primária. Isso nos daria uma visão dos conceitos atuais. Entretanto, observamos que parte dos textos encontrados ainda discutia os conceitos com base unicamente na obra de 1980.

Nas etapas relativas à digitalização e à organização do *corpus* tomamos como base as sugestões dadas por Sardinha (2004), em que o autor pontua procedimentos necessários para a realização de uma pesquisa com base em *corpora* digitalizados.

Para fins de análise, escolhemos cinco (5) termos da Teoria da Metáfora Conceitual que consideramos primordiais e que podem gerar dúvidas para leitores menos experientes. No processo de escolha, levamos em conta a nossa convivência com leitores iniciantes da teoria (alunos de iniciação científica, mestrado e doutorado), que nos possibilitou perceber as dificuldades encontradas por esse público para compreender os termos utilizados pelos autores.

Finalmente, utilizamos o programa *Word Smith Tools*, desenvolvido por Mike Scott (1998), para realizar nossa busca pelos termos no *corpus*. De acordo com o seu autor: “WordSmith Tools é uma coletânea integrada de programas para ver como as palavras se comportam nos textos”³ (Scott, 1998, p.7). Em nossa análise, fizemos uso de duas ferramentas disponíveis no *WordSmith Tools*, a saber: “*Wordlist*” e “*Concord*”.

5. Análise dos dados

Através da ferramenta *Wordlist* constatamos que o número total de palavras (Token) no *corpus* é de 297.277 e o número total de palavras diferentes (Types) é de 20.628. Em números absolutos, nosso *corpus* pode ser considerado de pequeno-médio porte, de acordo com Sardinha (2000); além disso, o autor afirma que um *corpus* como o que montamos, revela-se mais representativo do que os respectivos sub-*corpora* dos *corpora* gerais.

Uma vez feita essa análise do *corpus* e da confirmação da ocorrência dos termos selecionados, partimos

³ “WordSmith Tools is an integrated suite of programs for looking at how words behave in texts”.

para o uso da ferramenta *Concord*, em busca da realização desses termos pelos autores. Os termos selecionados para nossa análise foram: Cena Primária (*Primary scene*), Domínio-Alvo (*Target domain*), Domínio-Fonte (*Source Domain*), Esquema de Imagem (*Image schema*) e Mapeamento Metafórico (*Mapping*).

5.1. Cena primária

O primeiro termo que analisamos foi o fraseologismo “CENA PRIMÁRIA”, que teve dezenove (19) ocorrências no *corpus*, sendo três (3) no plural e dezesseis (16) no singular. Não encontramos nenhuma variante para o termo e o que pudemos observar é que a definição do que sejam as “cenas primárias” para os autores está bem clara, uma vez que eles tomam como base o trabalho de Grady (1997) para defini-las. O fraseologismo não teve um número significativo de ocorrências, o que reforça a ideia de que a maioria dos autores ainda está trabalhando com base no trabalho de 1980 de Lakoff e Johnson, uma vez que só a partir de 1997 é que esse fraseologismo apareceu na literatura. Assim, nossa organização do verbete “Cena Primária” ficou da seguinte forma:

cena primária	primary scene
Definição: Representação cognitiva de experiências básicas recorrentes que perpassam os vários domínios da vida, fundamental para o mapeamento metafórico. Por exemplo, no domínio COZINHAR, há várias cenas primárias (e.g. erguer objetos, avaliar quantidades, movimentar-se de um lugar para outro dentro da cozinha) que também ocorrem em outros domínios (e.g. ARRUMAR UMA ESTANTE, AMAMENTAR). Cada uma dessas cenas pode gerar uma metáfora primária diferente (e.g. erguer objetos – DIFICULDADES SÃO PESOS). Conceito desenvolvido na Hipótese da Metáfora Primária, em 1996.	
Contexto: “As cenas primárias são a base da metáfora e trata-se de uma representação cognitiva recorrente, envolvendo uma relação entre domínios diferentes de experiência (ibid.: 86)3”. “Na nova visão, portanto, a base da metáfora é a cena primária , uma representação cognitiva de uma experiência recorrente, que pode ser caracterizado em um nível local, sem muitos detalhes, envolvendo estreita correlação entre duas dimensões de experiência distintas, o domínio alvo e o domínio fonte”.	
Variantes:	

5.2. Domínio-alvo

O segundo fraseologismo que analisamos foi “DOMÍNIO-ALVO” e encontramos setenta e sete (77) ocorrências, escritas de seis (6) maneiras diferentes, a saber: Domínio Alvo (32 vezes); Domínio-Alvo (25 vezes); Domínios Alvo (3 vezes); Domínios-Alvo (1 vez) e, finalmente, Domínios Alvos (1 vez). A diferença que nos chamou atenção foi o uso de hífen (-) para ligar o substantivo masculino *domínio* com o também substantivo masculino *alvo*, contudo essa mudança não causa prejuízo semântico para o leitor.

Na busca por uma justificativa do uso do hífen em português, levantamos inicialmente duas hipóteses. Na primeira, pensamos que o termo em inglês (*target domain*) pudesse aparecer com hífen e com a tradução para o português o hífen teria sido mantido, mas o que constatamos é que, em língua inglesa, é utilizado sem hífen. Na segunda, procuramos no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (2009), disponível no site da Academia Brasileira de Letras, uma regra para o uso do hífen que pudesse justificar sua ocorrência. De acordo com ele, o hífen deve ser empregado...

“[...] nas **palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos, de natureza nominal**, adjetival, numeral ou verbal, **constituem uma unidade sintagmática e semântica** e mantêm acento próprio, podendo dar-se o caso de o primeiro elemento estar reduzido: ano-luz, arcebispo-bispo, arco-íris, decreto-lei, és-sueste, médico-cirurgião, rainha-cláudia, tenente-coronel, tio-avô, turma-piloto; alcaide-mor, amor-perfeito, guarda-noturno, mato-grossense, norte-americano, porto-alegrense...” (2009, p. XXVI, grifo nosso).

Assim, através da justaposição de N+N teríamos o uso do hífen justificado no fraseologismo, uma vez que

ele constitui uma unidade sintagmática e semântica. Quando analisamos o seu uso no plural, pela regra, a forma correta deve ser “domínios-alvos” com ambas as palavras no plural e não com apenas uma das palavras, como observamos em: “domínios-alvo” e “domínios alvo”.

domínio-alvo	target domain
<p>Definição: Domínio conceitual de uma metáfora compreendido em termos de outro domínio conceitual (o domínio-fonte). Nessa relação metafórica, o domínio-alvo é mais abstrato que o domínio-fonte. Na metáfora primária, relaciona-se a respostas a <i>inputs</i> sensoriais, portanto não possui esquema de imagem. Por exemplo, a experiência recorrente de aumento de calor (domínio-fonte) à medida em que aumentamos a intensidade de atividades físicas (domínio-alvo) gera a metáfora INTENSIDADE DE ATIVIDADE É CALOR, que licencia expressões do tipo “Haverá um aquecimento da economia local...” e “O tucano voltou a dizer que o ocorrido foi uma “discussão acalorada” e não uma agressão”.</p> <p>Na estrutura mnemônica da metáfora corresponde ao primeiro elemento: DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE. Na primeira versão da Teoria da Metáfora Conceitual (até 1997), o domínio-alvo era compreendido como tendo a mesma natureza do domínio-fonte, portanto com conteúdo de imagem, mas caracteristicamente menos familiar, menos delineado que o domínio-fonte.</p>	
<p>Contexto: “Na Hipótese da Metáfora Primária, as cenas primárias envolvem mapeamentos entre um domínio fonte de conteúdo sensorial, portanto, com esquema de imagem, e um domínio alvo mais abstrato, sem esquema de imagem, que envolve respostas ao input sensorial”.</p> <p>“Já o domínio-alvo tende a ser esquematizado por conceitos mais abstratos, de mais elaborada definição”.</p>	
<p>Variantes: Domínio alvo</p>	

5.3. Domínio-fonte

O terceiro fraseologismo que analisamos foi “DOMÍNIO-FONTE”. Encontramos cento e uma (101) ocorrências no português, distribuídas em sete (7) maneiras, são elas: Domínio fonte (44 vezes); domínios fonte (16 vezes); domínio-fonte (35 vezes); Domínios-fonte (1 vez); Domínios fontes (3 vezes). Assim como o fraseologismo domínio-alvo, o domínio-fonte também aparece frequentemente sem hífen. Dessa forma, a discussão realizada acima também deve ser considerada para o presente fraseologismo, uma vez que também é formado pela estrutura N+N. Com base nos exemplos encontrados no *corpus*, elaboramos a seguinte definição:

domínio-fonte	source domain
<p>Definição: Domínio conceitual de uma metáfora utilizado para compreender ou estruturar outro domínio (domínio-alvo). Na metáfora primária, relaciona-se a <i>inputs</i> sensoriais adquiridos através de nossas experiências corpóreas, portanto com conteúdo de imagem. Por exemplo, a experiência recorrente de dificuldade ou facilidade no deslocamento de objetos pesados ou leves (domínio-fonte) gera a metáfora DIFICULDADES SÃO PESOS, que licencia expressões do tipo “É difícil sustentar essa tese num cenário indigente em que os partidos praticamente não existem...” e “Vasco menospreza Botafogo e sente o peso do time que em três meses venceu os títulos do Brasil e do Rio”. Na estrutura mnemônica da metáfora corresponde ao segundo elemento – DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE.</p>	
<p>Contexto: “Tais conjuntos de correspondências sistemáticas entre um domínio fonte (tipicamente mais concreto ou acessível aos sentidos) e um domínio alvo (tipicamente mais abstrato) evidenciam algumas relações intrínsecas entre a estrutura e o funcionamento típico do corpo humano e modo como as pessoas conceituam sua experiência no mundo”.</p> <p>“A relação entre domínio-fonte e alvo é estabelecida pelo fato de os dois domínios envolverem estreita correlação entre suas cenas primárias, não havendo características compartilhadas entre os domínios, mas, na verdade, correlação entre as cenas primárias”.</p>	
<p>Variantes: Domínio fonte</p>	

O *corpus* também nos mostrou que os autores utilizam “domínio conceitual” (13 vezes) e “domínio conceptual” (6 vezes) para fazer referência aos domínios (Alvo e Fonte), às vezes individualmente a um ou a outro, e às vezes referindo-se aos dois. Contudo, esta ocorrência pode ser esperada, pois aqueles são hiperônimos destes e nada mais natural que o seu uso como um mecanismo de coesão textual.

5.4. Esquema de imagem

O quarto fraseologismo que analisamos em nosso *corpus* foi “ESQUEMA DE IMAGEM”. Encontramos cinquenta e nove (59) ocorrências que variam em sete (7) formas escrita, são elas: Esquema de imagem (12 vezes); Esquemas de imagem (5 vezes); Esquemas de imagens (5 vezes); Esquema de imagens (3 vezes), Conteúdo de imagem (7 vezes), Esquema imagético (6 vezes) e Esquemas imagéticos (21 vezes). Também encontramos o uso do hiperônimo “Esquemas” (12 vezes) referente aos Esquemas de imagem.

As variações encontradas podem vir a causar dúvidas a um leitor menos experiente, mas todas tratam do mesmo conceito. As locuções apresentam-se sem o uso de hífen e estão de acordo com o que está definido pela nova ortografia. Já em “esquema imagético”, mesmo não tendo encontrado no *corpus* seu uso com hífen, poderíamos aplicar a mesma regra aplicada a domínio-fonte, *i.e.*, de formação por justaposição, sendo, neste caso, Nome + Adjetivo sua formação.

Com isso, a partir das definições encontradas, elaboramos o seguinte verbete:

esquema de imagem	image schema
<p>Definição: Elemento esquemático de muitas imagens que estabelecem padrões de compreensão e raciocínio. Na metáfora primária, o esquema de imagem não pode ser rico ou específico em detalhes. Nosso esquema de imagem de RECIPIENTE, por exemplo, está relacionado a um lugar que tem limites ao redor, em cima e embaixo, capaz de conter outro objeto em seu interior. Assim, tanto uma panela quanto uma sala ou uma floresta cabem nesse esquema de imagem. Na versão da Teoria da Metáfora Conceitual antes de 1997, o esquema de imagem era construído fundamental para o mapeamento metafórico, uma vez que se entendia que ambos os domínios, fonte e alvo, cotinham esquema de imagem. Na Hipótese da Metáfora Primária, apenas o domínio fonte, de natureza sensório-motora, tem conteúdo de imagem. Portanto, o construído fundamental passa a ser a cena primária, um elemento menos abstrato que o esquema de imagem, que, por sua vez, pode englobar várias cenas primárias.</p>	
<p>Contexto: “Não é suficiente ter conteúdo de imagem, é preciso que esse conteúdo de imagem esteja num determinado nível esquemático de especificidade, <i>i.e.</i>, seja um elemento esquemático de várias imagens e não de imagens ricas ou de imagens específicas”. “É ainda no espaço que definimos o esquema imagético do percurso, que dá suporte a várias conceptualizações, entre elas a do trajeto, posição num trajeto, resistência, impedimento e permissão”. “Na visão anterior, o construído fundamental era o esquema de imagem, que é mais abstrato que as cenas primárias. Por exemplo, o esquema de imagem do conceito RECIPIENTE pode incluir todos os casos de recipiente, mas cada caso pode englobar várias cenas primárias (...), conforme nossas experiências.</p>	
<p>Variantes: Conteúdo de imagem Esquema imagético</p>	

5.4. Mapeamento

O quinto termo que averiguamos foi MAPEAMENTO e encontramos seis (6) variações. O mais utilizado é o termo hiperônimo “mapeamento”, com sessenta e uma (61) ocorrências. Em seguida, encontramos o fraseologismo “Mapeamento metafórico”, com dez (10) ocorrências. Outro fraseologismo encontrado no *corpus* foi “mapeamento entre domínios”, com nove (9) ocorrências. Contudo, nós também encontramos “correspondência entre domínios” uma única vez, como variante de mapeamento. Outras formas encontradas foram “mapeamento conceptual”, com quatro (4) ocorrências, e “mapeamento conceitual”, com três (3) ocorrências.

Nos textos encontrados analisados, o mapeamento pode ser definido como:

mapeamento	mapping
<p>Definição: Conjunto de correspondências conceituais entre os elementos dos domínios, fonte e alvo, de uma metáfora. Tipicamente, o mapeamento</p>	

se dá unidirecionalmente, de um domínio conceitual mais concreto (domínio-fonte) em um domínio conceitual mais abstrato (domínio-alvo). Na metáfora primária, esse mapeamento ocorre entre as cenas primárias dos dois domínios, permitindo alta previsibilidade do vocabulário utilizado na linguagem figurada. Por exemplo, o mapeamento da metáfora ANALISAR É CORTAR: o indivíduo que analisa é o indivíduo que corta; o objetivo da análise é o objetivo do corte; a qualidade da análise é o tamanho do corte; o tipo de análise será o tipo de corte; o instrumento da análise é o instrumento do corte. Esse mapeamento licencia expressões contendo palavras como: cortar, dissecar, separar, dividir, tirar, trinchar, recortar.

Contexto:

Esse é um ponto importante da inclusão da Hipótese da Metáfora Primária na teoria. Nas versões anteriores, era o **mapeamento** entre domínios que licenciava as expressões metafóricas que usamos; na versão atual, é o mapeamento das cenas primárias o responsável por esse licenciamento.

“Ou seja, metáfora (ou **mapeamento**) conceitual refere-se ao conjunto de correspondências conceituais entre domínios experienciais distintos, gerado a partir da experiência do homem com o próprio corpo e com o mundo físico e cultural em que vive (Lakoff, 1993:237)”.

“Uma observação sobre o tipo de metáfora, imediatamente acima, é que esta se configura como a projeção de um **mapeamento conceptual** imagético em uma expressão lingüística metafórica única, resultando numa imagem perceptível, numa imagem mais visual”.

Variantes

Mapeamento metafórico;
Mapeamento conceitual;
Mapeamento conceptual;
Correspondência entre domínios;
Mapeamento entre domínios.

Considerações finais

Neste trabalho tivemos o intuito de mostrar como alguns dos termos da Teoria da Metáfora Conceitual estão sendo utilizados por pesquisadores no Brasil. Com o auxílio da Linguística de *Corpus* e da Terminologia, analisamos a ocorrência dos termos em seu ambiente natural, *i.e.*, os textos especializados.

Um fato que nos chamou atenção durante a seleção dos textos foi a constatação de que existe uma grande quantidade de textos que fazem referência à Teoria da Metáfora Conceitual. Isso nos mostra que é cada vez maior o número de pessoas que trabalham com a teoria ou que, pelo menos, estão fazendo algum tipo de leitura relacionada à metáfora. Por outro lado, percebemos que parte dos autores desconhece ou ignora as constantes revisões que a teoria sofreu ao longo dos seus 30 anos, pois muitos textos tratavam a metáfora focando apenas o trabalho de Lakoff e Johnson de 1980. Acreditamos que uma explicação para a predominância desta obra nas pesquisas está no fato de ela ter sido a única obra traduzida para a língua portuguesa.

Em 2007, Tony Berber Sardinha lançou seu livro *Metáfora*, no qual o autor faz uma visão geral das várias fases da Teoria da Metáfora Conceitual e, além disso, mostra algumas pesquisas que foram realizadas. Acreditamos que iniciativas como essa podem mostrar e facilitar ainda mais a compreensão da teoria, que, para muitos alunos de graduação, mestrado e doutorado, ainda é um caminho sinuoso e com muitos obstáculos para se caminhar.

Um dos motivos da dificuldade de se compreender a área é que a sua terminologia não está estabilizada, conforme percebemos através da análise do *corpus*, pois muitos teóricos ainda utilizam os conceitos de 1980, enquanto outros já trabalham com a teoria mais recente. Um exemplo disso é o conceito de *esquema de imagem* que mudou bastante em 1999, quando apenas o domínio-fonte passa a ter conteúdo de imagem. Além disso, encontramos a variação do uso entre as palavras *conceitual* e *conceptual*. De acordo com o dicionário online Michaelis, as palavras *conceitual* e *conceptual* são adjetivos e significam “*relativo à concepção ou à mente; teórico; conceptual*”. Assim, constatamos que seu uso baseia-se apenas em uma questão de escolha de uma ou de outra pelos autores, não havendo alteração semântica entre elas. Um fator que deve influenciar a escolha dos autores por *conceptual* é o termo em inglês ser escrito da mesma maneira que em português.

Também percebemos que o uso de hiperônimos é bastante comum nos textos analisados, principalmente

nos termos *domínios*, *esquemas*, *mapeamentos*, *metáforas*, entre outros. Dessa forma, o leitor deve estar atento a este recurso de coesão e a linha teórica seguida pelo autor, pois, como mostrado anteriormente, alguns conceitos variam de uma versão da teoria para a outra e os autores utilizam com frequência a mais antiga.

Além disso, constatamos que o uso de hífen e o de plural não está sendo realizado de acordo com as normas estabelecidas pelo VOLP para a formação de palavras. O que constatamos é que os autores estão utilizando as formas aleatoriamente, sem nenhum padrão a ser seguido.

Finalmente, como já falamos anteriormente, o número de textos publicados sobre a Teoria da Metáfora Conceitual é crescente e acreditamos que, com a criação de uma obra terminográfica, novos pesquisadores poderão ser atraídos pela área e a variação terminológica existente atualmente seja facilmente compreendida por aqueles que ainda não possuem um amplo conhecimento da área.

Bibliografia

Academia Brasileira de Letras. *VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Global, 2009.

Almeida, G. M. de B.; Oliveira, L. H. M. de; Aluísio, S. M. A Terminologia na era da Informática. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 42-45, abr./jun. 2006.

Aristóteles. (384-322 a.C.-a). *Arte Poética*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

Barros, L. A. Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da Terminologia. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 22-26, 2006.

Cuenca, M. J.; Hilferty, J. *Introducción a la Lingüística Cognitiva*. Barcelona: Editorial Ariel, 1999.

Evans. V. A. *Glossary of cognitive Linguistics*. Utah: University of Utah Press, p. 239, 2007.

Finatto, M. J. B. *Definição terminológica: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação*. 2001. 395 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

Grady, J. *Foundations of meaning: Primary Metaphors and Primary Scenes*. 299 p. Doctoral Dissertation, Department of Linguistics, Berkeley, University of California at Berkeley, 1997b.

Haensch, G.; Omeñaca, C. *Los diccionarios del español en el siglo XXI: problemas actuales de la lexicografía – Los distintos tipos de diccionarios; una guía para el usuario – Bibliografía de publicaciones sobre lexicografía*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2004.

Kövecses, Z. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2002

Krieger, M. da G.; Finatto, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

Lakoff, G.; Johnson, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

_____. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de: Mara Sophia Zanotto et al. São Paulo: Educ-Editora da PUC, 2002.

_____. *Philosophy in the flesh*. The embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

Lima, P. L. C. *DESEJAR É TER FOME*: novas idéias sobre antigas metáforas conceituais. 1999, 214f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

_____. Metáfora e ensino/aprendizagem de língua estrangeira. In Lima, P. L. C.; Araújo, A. D. (Orgs.) *Questões de Linguística Aplicada*: Miscelânea, Fortaleza: EDUECE, 2005, p. 97-123.

Lima, P. L. C.; Gibbs Jr, R. W.; França, E. Emergência e natureza da metáfora primária - Desejar é ter fome. *Cadernos de estudos lingüísticos*, IEL/Unicamp, Campinas, vol 42. p. 107-140, 2001.

Picht, H. *Corpora* como ponto de partida para a extração de dados terminológicos. Tradução de Duarte, D.; Finatto, M. J. B. In Krieger, M. da G.; Araújo, L. (Orgs.) *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 17, p. 67-77, out./dez., 2004.

Sardinha, T. B. Linguística de *corpus*: histórico e problemática. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, vol.16, n. 2, p. 323-367, 2000.

Sardinha, T. B. *Linguística de Corpus*. Barueri: Manole, 2004.

Scott, M. *WordSmith Tools version 3*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

Silva, A. S. da. Introdução: linguagem, cultura e cognição, ou a Linguística Cognitiva. In: Silva, A. S. da; Torres, A.; Golçalves, M. (Orgs.), *Linguagem, cultura e cognição*: estudos de Linguística Cognitiva. Coimbra: Almedina, vol. I, 2004, p.1-18.